

LEAL, Bruno Souza & CARVALHO, Carlos Alberto. *Jornalismo e Homofobia no Brasil: mapeamento e reflexões*. São Paulo: Intermeios, 2012. 130p.

Victor Hugo S. G. Mariusso¹ e Edvaldo Correa Sotana²

As discussões a respeito da sexualidade e de gênero são recentes tanto na história quanto nas ciências sociais de modo geral. O tratamento dado às homossexualidades não é diferente, ainda mais se pensarmos que o termo homossexual apenas surgiu na segunda metade do século XIX, ligado à “anti-norma”, ao oposto do que seriam homem/mulher, outra construção sócio-histórica, repensada recentemente pelas teorias *queer*³. Por meio dos discursos religioso e médico, muitas vezes apropriados pelo Estado, essas construções sócio-históricas destacaram a imagem do ser que se relaciona com o outro do mesmo sexo como pecaminoso, perverso, doentio.

O surgimento da figura do homossexual na sociedade, se assim podemos dizer, e a maneira com o qual o seu significado surge, contribuiu para que a violência contra essas pessoas que se comportassem de maneira contrária à norma estabelecida – a heterossexualidade compulsória – aumentasse gradativamente. No Brasil, estatísticas nos mostram que um homossexual, bissexual, travesti, transexual ou transgênero é assassinado a cada dois dias, além de outros tipos de violência, seja, física, psicológica ou por meio da injúria. A diferença é, assim, transformada em fator de desigualdade.

Tomar as páginas impressas ou os programas televisivos como fonte pode ajudar a entender como a violência com relação aos homossexuais é construída/exposta para a sociedade. Para avançar, no entanto, os pesquisadores interessados precisam ir além das representações veiculadas, pois precisam tomar o meio de comunicação como objeto de estudo dotado de historicidade. Assim, poderão desvendar as relações dos órgãos com a sociedade e os movimentos de

¹Mestrando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia e graduado em Turismo pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. E-mail: vmariusso@hotmail.com.

² Professor Adjunto do Curso de História, Campus de Aquidauna, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS). E-mail: sotana.ufms@gmail.com

³Cf. PRECIADO, Beatriz. Multidões *queer*: notas para uma política dos “anormais”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 19, n. 1, p.11-20, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v19n1/a02v19n1.pdf>>. Consultado em: 03/03/2013.

constituição e instituição do social que esta relação propõe, sem tomar os veículos como mero reflexo do social e construtores de verdades absolutas.⁴

O trabalho produzido conjuntamente por Bruno Souza Leal e Carlos Alberto Carvalho e intitulado “*Jornalismo e Homofobia no Brasil: Mapeamento e reflexões*” pode ser inserido dentre os preocupados em pensar como os jornais apresentam a violência homofóbica. O trabalho foi produzido a partir de duas questões centrais, a saber: Como as principais mídias jornalísticas brasileiras abordam a homofobia, os sujeitos e questões a ela relacionados? Quais estratégias de conformação da experiência da homofobia são apresentadas por essas mídias?

É importante frisarmos que a obra resulta de duas pesquisas feitas pelos autores, em um período de três anos e meio. A primeira nasceu do atendimento a um edital de 2007, do Ministério da Saúde, interessado em pesquisas sobre comunicação e homofobia. No segundo semestre do mesmo ano, e ao longo de 2008, eles trabalharam as questões teórico-metodológicas, assim como fizeram a primeira coleta e sistematização de material. Para tanto, escolheram “mídias nacionais de referência” (jornais, revista e telejornal) e dois veículos regionais. O acompanhamento diário desses veículos foi realizado por seis meses. Os dados recolhidos motivaram a continuidade da pesquisa, entre 2009 e 2010. Com o apoio do CNPq e da Fapemig, mantiveram o período de seis meses de coleta de material, só que excluindo as mídias regionais e acrescentando outro telejornal e outra revista de âmbito nacional. Ao final da pesquisa, os autores tinham mais de cinco mil textos jornalístico acerca da homofobia e das relações homoeróticas, podendo, assim, apresentar neste livro um mapeamento das relações que envolvem o jornalismo e a homofobia no Brasil, no final da primeira década do século XXI.

Desta forma, o livro foi dividido em quatro partes, sendo elas a introdução intitulada: *Introdução: desafios e percursos na investigação acerca das relações jornalismo e homofobia*; e três capítulos intitulados, respectivamente, *Jornalismo e homofobia no Brasil 2008-2010: um mapeamento*; *Homofobia: entre a ambiguidade conceitual e as consequências sociais*; *Das teorias à narratividade jornalística: as mídias jornalísticas como sujeitos*.

⁴CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *Projeto História*, São Paulo, n.35, p. 253-270, 2007, p. 258. Disponível em: <<http://www.revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/download/2221/1322>>. Consultado em: 01/07/13.

Na introdução apresentam, de forma sucinta, a justificativa para a realização do estudo e demonstram como a pesquisa se desenvolveu. Ao observarem as tensões nas relações sociais e o processo histórico-social que vem a construir um sentido de realidade, eles encontraram um caminho de reflexão, convidando-nos a desafios metodológicos para esse tipo de análise. Assim, o livro nasce do esforço de mapear essa articulação e da preocupação em entender as relações entre mediação jornalística, homofobia e relações de gênero.

Já o primeiro capítulo, *Jornalismo e homofobia no Brasil 2008-2010: um mapeamento*, aborda os resultados gerais e desafios metodológicos enfrentados no caminhar da pesquisa. Não desmerecendo os outros capítulos, mas consideramos este central por apresentar tabelas/gráficos e dados mais abrangentes, assim como os procedimentos e escolhas metodológicas que os geraram. Tais tabelas forma divididas em três anos (2008, 2009 e 2010) e doze categorias, sendo elas: veículo; identidades; HIV; natureza; agente; importância; assunto; abordagem; favorável; desfavorável; institucional/neutro e caricatural. A preocupação dos autores está centrada no desejo de descortinar qual tratamento foi dado por seis veículos midiáticos em relação à homofobia e as homossexualidades, sendo eles: *Folha de São Paulo, O Globo, Época, Veja, Jornal Nacional e Jornal Hoje*.

O segundo capítulo, *Homofobia: entre a ambiguidade conceitual e as consequências sociais*, sugere uma reflexão em torno do entendimento da homofobia no seu sentido conceitual, do papel que ela desempenha nas relações de gênero e nas experiências de quem é vítima desse tipo de violência denominada genericamente de homofobia, no caso a comunidade LGBTTT.

Por fim, o último capítulo, *Das teorias à narratividade jornalística: as mídias jornalísticas como sujeitos*, indica algumas dimensões importantes em relação ao jornalismo e sua presença na sociedade, como ferramenta, agente social e histórico capaz de produzir representações, sentidos de realidades, constructos mentais. Além de ser uma fonte e/ou objeto para quem pretende analisar as nuances desses meios de comunicação e o que eles podem produzir para a sociedade, os órgãos também podem se vistos como responsáveis pela manutenção de determinados preconceitos em prol do mercado e da manutenção da norma. Conforme os autores:

Afirmar a identidade de uma mídia jornal, em perspectiva comunicacional, implica reconhecer não apenas a existência de uma identidade para ela, como também a transforma em agente discursivo, certamente capaz de reproduzir enunciados, mais dotada de autonomia para estabelecer condições particulares de enunciação, que organizam e dispõem de modo coerente outros discursos ao longo da variedade de suas edições e subdivisões.⁵

Destarte, foi possível percebermos, dentre outros aspectos, que as noções mais correntes de homofobia não são necessariamente capazes de esclarecer os modos como os preconceitos em relação às homossexualidades efetivamente se dão na sociedade brasileira. Esses preconceitos permitem percepções sobre a própria dinâmica das coberturas jornalísticas, conduzindo-nos rumo a um necessário questionamento sobre os produtos jornalísticos. Ou seja, tanto a homofobia pode ser melhor entendida em suas múltiplas significações quanto o jornalismo pode se revelar em algumas das suas características a partir dos desafios impostos pela homofobia como acontecimento narrado.⁶

Assim, é necessário que os pesquisadores interessados em estudar a imprensa e suas representações se ocupem em entender e compreender social e historicamente a estrutura e dinâmica do universo midiático, “sem perder de vista a relação tempo e espaço, e igualmente cuide dos esquemas de percepção e avaliação e de ação social próprio do conjunto dos agentes integrados a veículos de comunicação social e da mídia como um todo”.⁷

Desta forma, que os autores apresentam dados sistematizados sobre o material veiculado nos meios de comunicação com relação à homofobia, levando os leitores, de modo sutil, a refletirem sobre a violência de caráter homofóbico.

Referências

BUSETTO, Áureo. A mídia como objeto da história política: perspectivas teóricas e fontes. In: SEBRIAN, Raphael Nunes Nicolletti (Org.). *Dimensões da Política na Historiografia*. Campinas: Pontes Editores, 2008. p. 9-23.

⁵LEAL, Bruno Souza; CARVALHO, Carlos Alberto. *Jornalismo e Homofobia no Brasil: Mapeamento e reflexões*. São Paulo: Intermeios, 2012, p. 85.

⁶Idem.

⁷BUSETTO, Áureo. A mídia como objeto da história política: perspectivas teóricas e fontes. In: SEBRIAN, Raphael Nunes Nicolletti (Org.). *Dimensões da Política na Historiografia*. Campinas: Pontes Editores, 2008, p. 16.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *Projeto História*, São Paulo, n. 35, 2007, p. 253-270. Disponível em: <<http://www.revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/download/2221/1322>>.

Consultado em: 01/07/2013.

PRECIADO, Beatriz. Multidões *queer*: notas para uma política dos “anormais”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 19, n. 1, 2011, p.11-20. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v19n1/a02v19n1.pdf>>. Consultado em: 03/03/2013.